

**A MERCANTILIZAÇÃO DAS EXPRESSÕES DE RESISTÊNCIA DE
MOVIMENTOS SÓCIO-CULTURAIS**

**THE COMMERCIALIZATION OF RESISTANCE EXPRESSIONS OF SOCIO-
CULTURAL MOVEMENTS**

Amanda Rayane Souza Santos¹
Jadson Souza dos Santos²

Recebido em: 15/03/21
Aceito em: 10/05/2021

Resumo: Esse artigo foi elaborado objetivando o entendimento do modo como se constrói a homogeneização cultural dentro da aparente diversidade provocada pela apropriação capitalista intencionada na conquista de lucro que reverbera no campo ideológico, no que diz respeito as expressões de resistência postas na lógica de mercado como parte do condicionamento de letargia social realizado pelo sistema. Foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvendo-se em uma breve análise sobre a mercadoria, a indústria cultural e os meios de propagação e dominação ideológica.

Palavras Chaves: Mercadoria; Industria Cultural; Expressões de Resistência.

Abstract: This article was designed to understand how cultural homogenization is built within the apparent diversity caused by the capitalist appropriation intended to achieve profit that reverberates in the ideological field, with regard to the expressions of resistance placed in the market logic as part of the conditioning of social lethargy performed by the system. It was carried out from a bibliographical research, developing into a brief analysis about the merchandise, the cultural industry and the means of propagation and ideological domination.

Keywords: Merchandise; Cultural Industry; Expressions of Resistance.

INTRODUÇÃO

"A ditadura perfeita terá a aparência da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão sequer com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão."
(Aldous Huxley)

A arte assim como todas as capacidades provindas do ser humano está inserida dentro do ambiente social, se pode através dela tanto absorver quanto refletir ideias e visões diferenciadas, portanto se torna um campo para disputas entre os diferentes interesses das classes, o que se evidencia ao olhar para as mobilizações sociais que começaram a se generalizar pelo mundo a partir da segunda metade do século XX onde se acirrava grandes

¹Discente do 7º período no curso de Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas-UFAL e integrante do grupo de pesquisa Políticas Públicas e Processos Organizativos da Sociedade.

²Discente do 8º período no curso de Serviço Social na Universidade Federal de Alagoas-UFAL e integrante do grupo de pesquisa Políticas Públicas e Processos Organizativos da Sociedade.

lutas por direitos de igualdade racial, ambientais, feministas e da população Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual (LGBT). Também surgiram movimentos socioculturais nos quais se apresentavam a insatisfação e rebeldia de toda uma geração com o sistema vigente pelas drásticas refrações que se mostravam implícitas à ele. Os movimentos socioculturais como por exemplo os hippies, o punk e o hip hop construídos e compostos por intelectuais, artistas e principalmente populares têm praticamente desde seus começos a disputa entre manifestação cultural e a indústria cultural, primordialmente no que diz respeito à música e ao cinema, colocando de um lado uma contracultura disposta a mostrar o trabalhador vivendo com a pobreza e violência sistêmica para se contrapor e resistir e de outro lado uma indústria fonográfica e visual disseminadora de padrões, individualismo e consumismo popularizado que mantém o público sem criticidade de maneira reforçada pela ascensão da comunicação de massa por meios monopolizados.

Com o surgimento e expansão desses movimentos, a indústria cultural vê a oportunidade de lucro, assim vai buscar realizar a mercantilização das expressões culturais desses movimentos ao se criar linhas de produtos com os mesmos, virando alvo da indústria fonográfica e visual. Neste caso, a absorção dessas formas de resistência por mecanismo do sistema não ocorre somente visando o lucro, mas também como forma de reprimir o que é subversivo, o que geralmente ocorre através da imposição do medo ou tirando-se a essência e criando-se uma imagem com as partes que convém aos detentores de poder, propagando pelo mercado e pela mídia a construção de um rótulo de descrição do movimento.

Esse artigo foi construído através de variados textos com análises das ideias de intelectuais que se alinham de forma crítica em relação ao atual estado de relações humanas mercantilizadas para fazer uma reflexão acerca do processo descrito acima, cabe aqui a ressalva de que o foco será as expressões vindas dos movimentos e os seus modos de inserção com o todo, não os movimentos em si. A questão que se coloca é se essas expressões foram absorvidas totalmente pelo mercado ou se a parte, podemos dizer criada por ele, é focalizada e disseminada de tal forma à criar um monopólio que restringe tanto a procura quanto a chegada dessas expressões ao público, deixando apenas o que se encontra dentro de sua lógica mercantil, onde prevalece o modismo e o consumismo das grandes veiculações na qual se cria um padrão fixo de reforço à imagem que não leva a nenhum tipo de crítica.

A MERCADORIA

Com base nos diversos pensamentos de Marx referentes à lógica do capital e suas consequências, assim que se deu início ao surgimento e desenvolvimento crescente do capitalismo e suas formas de exploração da classe operária por parte da classe burguesa, foi possível identificar diversas formas de extração crescente de lucro, onde entre essas encontra-se a dominação da ideologia da classe dominante e a apropriação desta pela classe trabalhadora. As teorias presentes no marxismo mostram uma ligação extrema entre sociedade, economia e política, cuja sustenta a ideia de que a continuidade da sociedade humana no capitalismo tem sua base na luta de classes, o que faz permanecer o conflito entre a classe burguesa que possui e controla os meios de produção e a classe trabalhadora que fornece a sua mão de obra. Assim, Marx deixa explícito sobre sua teoria da relação constante entre valor-trabalho, alienação e luta de classes. Sendo assim, a alienação citada chega a ser realizada por meio da arte e isso foi modernizando-se e tornando-se em uma indústria cultural sempre com objetivo de dominar a população explorada, o que gerou disputas entre a mesma e as manifestações culturais em lutas por direitos e as mobilizações sociais que tentam manter aceso o sentimento de reivindicação dos dominados contra a pobreza e a o sistema capitalista.

Segundo Netto e Braz (2006) as mercadorias são produtos do trabalho que se tem valor de uso que se refere a sua utilidade e um valor de troca adquirido dentro do mercado do sistema capitalista. Deste modo, no pensamento de Marx, as condições necessárias para que algo se torne mercadoria são: a existência de trabalho e utilidade de satisfação material ou espiritual de modo que se possa produzir diversas vezes com a intenção de troca ou venda. No capitalismo, a mercadoria se transforma em centralizadora da intenção da aplicação da capacidade de trabalho humano, a naturalização das relações de compra e venda, tanto que o próprio ser humano se torna mercadoria no momento em que grande parte da humanidade é destituída dos meios de produção. Durante a produção das mercadorias se desenvolveu a divisão do trabalho e o reforço da propriedade privada dos meios de produção, dentro desta divisão se constitui um trabalho individual e um trabalho social por conta de não se produzir a mercadoria integralmente através do mesmo trabalhador, mas através de um coletivo dependente entre si. Entretanto o trabalhador separado de parte do processo produtivo só tem visão de trabalho embutido na mercadoria ao consumi-la no mercado, ou seja, as relações sociais se tornam relações entre coisas pois suas mediações são determinadas pela mercadoria, caracterizando o que Marx denomina de fetichismo. Quando indivíduos trocam mercadorias,

na verdade, estão trocando o equivalente de trabalho que as mercadorias contêm. Assim o fetichismo que Marx analisa é uma crítica ao modo de produção capitalista por este organizar o modo de vida pela compra e venda de mercadorias, o que perpassa uma ilusão de socialização deixando, na realidade, estes indivíduos somente com a dupla função no sistema capitalista de produzir mercadorias e o próprio consumi-las, para aumentar os lucros capitalistas e permanecer na pobreza, não tendo da parte do Estado grandes preocupações, acabam estes ficando sempre nas margens da sociedade.

Para Bolognesi (1996) é neste processo no qual o capital tende à buscar por novos espaços para adentrar e instalar sua lógica burguesa para continuidade de acumulação do capital, fazendo com que esferas da sociedade como educação e saúde, por exemplo, se tornem produtos comerciais e a esfera da cultura que se estende à todo o cotidiano não ficou imune a esse fenômeno. Os produtos comerciais ganham uma força capaz de subjugar seus criadores, se vê na mercadoria a idealização de produtos de relações humanas como o sentimento de pertencimento à sociedade e a obtenção de bens imateriais, isso trará como consequência a generalização desse efeito pelas esferas sociais. A mercadoria reflete todo um conjunto de relações que se encontra na sociedade capitalista, a mercadoria expressa a continuidade de crescimento de lucros e suas repercussões.

A INDÚSTRIA CULTURAL

Para Sevcenko (2005) as intensas lutas trabalhistas propagadas ao início do século XX resultaram na regulação do trabalho e ganho de direitos em um cenário de crescimento do espaço urbano, o que trouxe a possibilidade de sobra do salário junto ao ganho de tempo livre, deste modo houve o interesse por parte de empresários de como seriam gastos as sobras de salário e o tempo livre recém adquiridos, o resultado foi o investimento em formas de lazer baratas para esse público na intenção de lucrar com sua renda extra. Nesse momento nasce uma indústria produtora de entretenimento que mais tarde evoluirá para um instrumento de controle moldado majoritariamente pelos Estados Unidos, mantendo seu objetivo primário regido pelo mercado de maneira isolante, apelativa à desejos e fantasiosa, como colocado pelo autor,

Seu fim não é o êxtase espiritual dos rituais populares tradicionais, mas propiciar a seres solitários, exauridos e anônimos, a identificação com as sensações do momento e com os astros, estrelas e personalidades do mundo glamoroso das

132

comunicações. Além, é claro, de preencher o vazio de suas vidas emocionais e o tédio das rotinas mecânicas com a vertigem dos transe sensoriais e experiências virtuais de potencialização, multiplicação e superação dos limites de tempo e espaço (SEVCENKO, 2005, p. 79).

A produção de entretenimento denominada de indústria cultural por Adorno e Horkheimer, principais expoentes do tema, faz se perder o papel utilitário dos bens culturais de expor ideias sobre a realidade e sobrepõe a busca por prazer e atenção egocêntrica no momento de degradação da vida material onde o homem perde controle sobre si e se torna um acessório da maquinaria. Os autores colocam a cultura produzida como um reflexo da atividade produtiva, a rotina feita com proposito de esquecer o trabalho e aliviar o cansaço de forma a estar disposto para o dia seguinte do mesmo processo produtivo,

Tudo está desde já preparado para que o consumidor não precise utilizar suas faculdades mentais. Tudo é previsível: a maneira como o filme terminará, como uma determinada canção de sucesso desenvolverá o seu tema, como podemos decidir espontaneamente o fim de um episódio transmitido pela televisão (SILVA, 1999, p. 33).

As ações são voltadas para disciplinarização do trabalhador em vida privada, enquanto se faz a popularização de bens culturais de menor qualidade intelectual se facilita o aumento da produção e diminui a diversidade, esse é o desejo levado para a transformação dos hábitos das pessoas, a efetivação de sua automação, rendimento e rotina. Reforçando esse pensamento, Girelli relata a ideia de Jameson sobre o enquadramento imposto pelas relações de consumo sobre as relações do ser, as quais pouco se diferenciam:

[...] é imprescindível que haja uma consonância entre o funcionamento do mercado e a garantia máxima de lucros e os hábitos, práticas políticas e formas culturais que exercem algum tipo de controle sobre a força de trabalho (GIRELLI, 2015, p. 87).

A ARTE E A LUTA CONTRA O CAPITAL

Em meio ao embate contínuo da classe operária e da classe burguesa que é crescente no sistema capitalista, a luta por uma sociedade emancipada se faz bastante presente ao longo da história. Com o nascimento e desenvolvimento de uma indústria cultural, o tempo livre dos trabalhadores e sua renda extra já iniciaram visados pelos donos de empresas como maneira de aumentar o lucro, além de ser uma forma de propagar a ideologia burguesa e fazer com que

esta fosse expandida entre a classe operária, tornando isso uma forma de controle ideológico e retirando o senso crítico das produções artísticas. Dessa forma, músicas, filmes, conteúdos diversos da televisão e teatro são demonstrações da arte que se encontram controladas em massa para que não exista a expansão da produção destas com um real senso crítico que ocasionaria a luta contra o capital e o desejo de uma sociedade emancipatória.

Os movimentos surgidos há exemplo temos os hippies, o rock, o jazz, o punk e o hip hop, são produtos das lutas e embates de uma sociedade marcada por diferentes costumes, valores e ideologias. Eles nasceram nas comunidades, principalmente em centros urbanos e subúrbios, com determinados grupos de pessoas majoritariamente formados por jovens que ao se virem na mesma situação e se identificarem com as mesmas questões e um objetivo comum de dar resposta à ideologia burguesa fortemente imposta, a partir de práticas que passaram a se considerar contraculturas que se encontram em diversas formas já citadas como na música, dança, cinema, literatura, grafite, vestimentas, entre outras, mas principalmente nas ideias e comportamentos.

Entre os amplos conflitos políticos recorrentes ao longo da história da sociedade, é notável a adoção de formas de resistência com lutas que demonstram contestação ao sistema. Uma dessas se fez presente no mais conhecido como Maio Francês que ocorreu em 1968. Nesse período, aconteceu uma greve geral fomentada por meio da união entre trabalhadores e estudantes contra a situação que se encontravam, de crescentes retrocessos em um governo ditatorial. Os movimentos levantavam bandeiras político-culturais progressistas como pode-se citar dentre esses o movimento feminista que buscava alcances mínimos como o direito ao divórcio, o movimento negrolutando contra todas as formas de expressões do racismo e o movimento contra a opressão da homossexualidade. A rebeldia do Maio de 1968 chamou a atenção por ter uma intensa participação de estudantes contra o crescimento de uma ideologia política imposta pela ordem social vigente. Dado que houve repressão para com esses movimentos, a juventude continuou na tentativa de expansão de um instinto revolucionário da classe trabalhadora através dos variados ramos que inclui a arte, o que ia desde a apresentação das suas vestimentas, à linguagem como as gírias, à utilização das drogas e à liberdade de orientação sexual.

Visto que os acontecimentos históricos sempre demonstram a forma como os trabalhadores encontram-se dominados pela ideologia burguesa imposta nesse sistema do capital, é notável que as produções artísticas são grandes alvos estratégicos para expandir a

mesma e seus valores socioculturais. Portanto, artistas que se fazem presentes nas produções que contenham e apresentem grande senso crítico contra o sistema em suas obras, são crescentemente alvo de censura para que a classe operária continue alienada e não inicie, a partir do acesso a essas expressões de arte, um grande processo de revolução contra as práticas presentes que ajudam a manter o sistema capitalista em continuidade.

DOMINAÇÃO E PROPAGAÇÃO IDEOLÓGICA

Na definição de Chauí (2008) entende-se cultura de forma a englobar produção, criação e organização de símbolos, práticas e valores construídos condicionados pela matéria e pelo campo material ao qual cada comunidade foi exposta, portanto a cultura é um campo permeado por singularidades. No cenário atual, a globalização permite uma dominação de classe na qual se pressupõe o conteúdo a ser buscado e produzido, de modo a enfraquecer os traços de singularidade natural da cultura para dar lugar a sua massificação, mas que ao invés de construir uma grande coesão, impede a percepção da expressão coletiva processual e passa à prática da idolatria de indivíduos e imagens, esperando constantemente o ciclo de início, meio e fim que não deve se reduzir ao ver, ouvir e ler, mas deve se estender ao viver para idealizar que independente da condição de vida material sempre à chances de alcançar seus desejos, principalmente se estes forem aquilo que lhe permitem almejar.

Neste sentido Petras (2004) aponta como principal provocador dessa homogeneização de cultura aquele que detêm o maior poder econômico e o mais forte espírito capitalista, os Estados Unidos. A ação de imposição que Petras nomeia de imperialismo Cultural visa lucrar com sua cultura de consumo e simultaneamente alinhar todos ao seu pensamento, repassando a aparência de suas ações como positivas e abrangente aos interesses de todos, aproveitando sua conquista do monopólio para deformar o ideal daqueles que lhe contrapõem.

Todos os produtos culturais formulados voltando-se ao consumo necessitam de disseminação, algo amplamente possibilitado com o desenvolvimento tecnológico ao passar do tempo que criaram grandes meios de comunicação e transmissão de informação e cultura controlados no âmbito privado. Assim, Figueiredo explicita bem o efeito resultante disso

Ainda que democrática a mídia transmite continuamente conteúdos ideológicos relevantes para os que os controlam e que o público acaba incorporando, não por ser manipulável, mas por necessitar deles para “caber” nas relações sociais que o

circundam e exercer seu papel duplo de produtor-consumidor. (FIGUEIREDO, 2007, p. 4).

No momento em que a classe dominante tem posse de meios de comunicação se procura desenvolver sua dominação ideológica de diversas formas e disfarçando seus efeitos negativos, à exemplo pode-se olhar para obras como *1984* de George Orwell publicado em 1949, *Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord publicado em 1967 e *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley publicado em 1932, onde visões tão pessimistas sobre o controle ideológico feito pela burguesia se encontram até mais atuais do que em suas próprias épocas.

A inconformidade e revolta com a situação vigente carregava um cunho político de contestação ao buscar discussão de questões referentes à todo o estilo de vida vigente e com ideias também de ampla proporção, sustentando-se em uma consciência de construção histórica proporcionadora de identidades próprias de cada movimento onde se encontravam diferentes formas de ação, trajetos e acontecimentos de seu desenrolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ofensiva do capital tem se colocado de diversas formas com a acumulação flexível, a financeirização do capital, a ofensiva neoliberal e a cultura pós-moderna, todas difundidas amplamente pelo sistema globalizado, não de forma à interligá-lo, mas ocidentalizando o mundo para naturalizar processos históricos e acarretar a visão de mundo atomizada, ou seja, resumida aquilo que nos permitem ver, a imagem restringida ao que se tem de satisfatório nos países ditos desenvolvidos, pode-se citar aqui o claro exemplo de conhecermos mais os nossos dominadores ao invés de nossos países vizinhos.

A dupla face do consumo nos leva a padronização ao instigar o usufruto dos mesmos produtos para realizar um sentimento de inserção na sociedade, ao mesmo tempo que nos leva a buscar através do consumo certa diferenciação até que a grande parte consiga obter o produto e o efeito passe. O que ocorre quando ideias são colocadas na lógica de mercado é a substituição da verdade pela aparência, quem não tem um conhecimento mais aprofundado sobre o grupo, o movimento e suas expressões caem numa visão fixada no maniqueísmo, no melodrama, individualista e acrítica que reforça estereótipos onde se reflete um modo de vida desejados por todos, mas não compatível com a real situação na qual os indivíduos se encontram.

A ideologia burguesa e o domínio capitalista encontram na indústria cultural um meio de propagação de seus valores socioculturais, controlando crescentemente a classe trabalhadora e dando a estes a ilusão de inclusão nos meios de vivência na sociedade, o que na verdade está direcionando trabalhadores para atividades que seriam consideradas de lazer para aumentar o acúmulo do capital das pessoas que já se encontram em um status de riqueza grande, fazendo ao mesmo tempo arte de pouco senso crítico para controle ideológico da sociedade, ou seja, estes fatos levam à inviabilização de produções artísticas revolucionárias para que se expanda uma dominação cultural, social e política sobre as classes subalternas.

A importância das expressões dos movimentos socioculturais é que elas podem fornecer unidade e articulação para uma ação não limitada dentro do corpo político e burocrático, a arte pode ser a expressão de sentimentos e da realidade do meio ambiente³, entendendo-se não ser possível por si só mudar o todo, mas através dela resistir e conhecer a realidade.

Os movimentos não se transformaram no seu inverso ou desistiram, eles perderam visibilidade diante dos grandes veículos de informação e entretenimento, os quais deformaram as expressões dos movimentos de resistência e os colocaram no mercado capitalista, mas hoje não se pode esquecer dos diversos meios e formas de se ter a experiência artística, portanto esse é um espaço de luta aberto entre produção, procura e alcance. A chegada desta disputa vigente em cada pessoa realiza-se quando as próprias são estimuladas ou fazem a auto contestação da adesão feita entre os efeitos especiais agigantados pela publicidade que vai ajustar-se ao sistema e proporcionar consumo alienante, se conformando com ilusões e sonhos que não se realizaram ou algo que vai fazê-lo pensar sobre seu redor, onde não se encontra nada de surreal e vai torná-lo diferente ao tomar consciência de que não estamos realmente integrados em um mundo quase perfeito.

Visto que tem-se revivido por um processo de revisionismo histórico e alusão a ditadura de 64, onde acreditava-se que seria possível realizar democracia através de leis em uma sociedade onde não se tem hábitos democráticos, é possível compreender que a formação da cultura nacional popular apresenta ser de grande poder para derrubada de governos ditatoriais, que não aceitam o recebimento de críticas, como também tudo que lhes acompanham como o desfinanciamento de produções artísticas e a escancarada censura a arte.

Assim concluímos este artigo ressaltando a importância e a necessidade da cultura na formação do ser humano e de sua promoção para tal, em um momento histórico de nosso país onde a cultura vem sofrendo com o descaso e com ataques autoritários à diversidade. Em um complexo social como a cultura devesse levar em conta fatores como localização e geração interligando com sua função social, buscando sua capacidade de representação e reflexão histórica e de grupos sociais, procurando-se o acesso universal.

REFERÊNCIAS

BOLOGNESI, Mário Fernando. **A Mercadoria Cultural**. In: Trans/Form/Ação, 19. São Paulo: UNESP, 1996. P. 75-86.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Em: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008 Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. **Poder e Comunicação: Um breve debate sobre a questão do poder nos meios de comunicação de massa**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Agosto de 2007.

GIRELLI, Luciana Silvestre. **A lógica cultural do capitalismo contemporâneo a partir da obra de Fredric Jameson**. In: Revista Café Com Sociologia, Vol. 4, Nº 1. 2015, p. 84-99.
MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 258-263.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política – uma introdução crítica**. São Paulo: 4a. Edição. Ed. Cortez, 2006.

PETRAS, James. **O imperialismo cultural no finado século XX. 2004** Disponível em: https://resistir.info/eua/petras_imperialismo_cultural.html

SELISTRE, Jacks Ricardo; DUARTE, Mariana. **Arte contemporânea e o retorno da censura: caso queermu- seu e suas adjacências**. Contemporânea, Santa Maria, UFSM. v.1. n.2. p. 01-06. dez. 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A Indústria do Entretenimento e a Sociedade de Espetáculos**. In: A Corrida para o Século XXI. 7. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 73-94.

SILVA, Rafael Cordeiro. **A Atualidade da Crítica de Adorno à Indústria Cultural**. In: Educação e Filosofia, 13 (25), 1999, p. 27-42.